

# Lula e Ciro afetam risco Brasil

*Agência diz que os dois candidatos retardam a melhoria do rating do País*

PAULO SOTERO

Enviado especial

**P**RAGA - Dois diretores da Standard & Poor's para Risco Soberano, David Beers e John Chambers, indicaram ontem que a promoção da classificação do Brasil não é inevitável. Chambers deixou claro que uma das razões da demora numa reclassificação, esperada desde o início do ano quando a empresa anunciou uma revisão positiva dos papéis da dívida pública externa do País, é a posição de liderança que dois candidatos potenciais da oposição à presidência "com posições muito heterodoxas de política econômica - Luis Inácio Lula da Silva e Ciro Gomes - ocupam nas pesquisas de opinião".

"Para uma promoção da classificação, você tem de determinar que eles não ganharão, ou que suas políticas convergirão para uma linha mais ortodoxa", disse Chambers. A classificação do risco de crédito da dívida externa afeta não apenas o custo de captação de capital externo, mas também a taxa de juros interna.

Beers disse que a classificação de risco de crédito "não é um concurso de beleza", e que a melhora da posição dos papéis da dívida externa brasileira emitidos pelo governo, atualmente situados quatro faixas abaixo do chamado "investment grade", é condicionada pela "história das finanças públicas no Brasil" e pelas dúvidas que persistem sobre "a capacidade do País de manter um esforço de disciplina fiscal, mesmo nos melhores tempos". A falta de um consenso sobre a necessidade de se conduzir as finanças públicas de maneira responsável é ilustrada, segundo ele, pela posição

nas pesquisas de Lula e Ciro, que defendem "posições não ortodoxas e heterodoxas" sobre a política fiscal e o pagamento da dívida externa. No mês passado, os partidos da oposição rejeitaram um pacto político de responsabilidade fiscal proposto pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan, para neutralizar as incertezas que as eleições podem produzir entre os investidores sobre a continuidade da disciplina orçamentária.

No sábado, a diretora do Departamento do Hemisfério Ocidental do Fundo Monetário Internacional, Teresa Terminassian, somou sua voz à de vários analistas do mercado financeiro ao dizer que o Brasil merece uma classificação de risco soberano melhor. O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, tem usado seus contatos com investidores em Praga para tentar convencê-los de que o Brasil atravessou o rubicão da responsabilidade fiscal e da estabilidade e entrou num "ciclo virtuoso" de crescimento com estabilidade. As agências privadas de classificação situam o risco soberano brasileiro (dívida pública externa) numa posição inferior à da Argentina, que vive uma crise e está pagando mais juros do que o Brasil para captar dinheiro no mercado internacional. Em meses recentes, tanto a S&P quanto a Moody's anunciaram que estão reexaminando os papéis brasileiros para uma reclassificação.

Beers disse que a S&P reconheceu os progressos fiscais e os outros esforços que o País fez para reconquistar a confiança dos investidores, depois da crise financeira no início do ano passado, ao mudar o sinal de sua avaliação sobre o País para positivo, em fevereiro. Ele evitou prever quando sua empresa poderá

anunciar uma reclassificação do risco Brasil. "O Brasil está entrando num novo ciclo eleitoral, parece que o governo está contemplando um suave relaxamento fiscal (no ano que vem), e há alguns candidatos à presidência que têm posições não ortodoxas ou heterodoxas sobre alguns dos nossos tópicos favoritos como finanças públicas e honrar o pagamento da dívida no prazo."

Segundo Beers, "a classificação do risco segue um método específico que mede a disposição e capacidade do governo de pagar suas dívidas em relação a todos os demais (devedores)". O que a S&P está olhando "acima de tudo no caso brasileiro é a capacidade do atual governo e do governo que se seguirá de manter o Brasil num caminho fiscal responsável e sustentável".

A diretora da S&P para a América Latina, Cathy L. Daicoff, que visitará o Brasil nas próximas semanas, disse que o fato de países cujo risco de crédito é melhor do que o Brasil estarem recebendo uma avaliação menos favorável do mercado de capitais não é relevante para a decisão de sua empresa. "O risco de crédito é diferente do risco de mercado", disse ela.

Na sexta-feira, a S&P afirmou a classificação e a tendência da dívida pública externa da Argentina (BB, estável). Isso se compara à classificação B+, com tendência positiva, para o Brasil. John Chambers, que também é diretor para classificação soberana de risco, disse concordar que "numa base cíclica, o Brasil parece mais forte do que a Argentina" no momento. "Mas procuramos olhar a tendência de longo prazo". Chambers forneceu algumas das medidas concretas que entram no cálculo da S&P na compara-

ção dos dois países. A relação entre a dívida do setor público e o PIB, por exemplo, é 66% no caso do Brasil e 50% no caso da Argentina, disse ele. As posições são iguais na relação dívida externa/PIB. "A Argentina avançou mais nas reformas estruturais, na Previdência Social e no saneamento das finanças dos governos estaduais e locais e há menos passivos contingentes nos bancos públicos da Argentina do que nos do Brasil".

Segundo Chambers, "nada disso nega o impressionante progresso que o Brasil fez desde o início do Plano Real, e após a mudança do regime cambial, em 1999". Ele explicou que a S&P refletiu esse progresso não apenas na mudança da tendência de sua classificação, primeiro de negativo para estável, no ano passado, e para positivo, no início deste ano, mas também na reclassificação para melhor (BB) da dívida pública interna. Para Chambers, "os formuladores da política econômica brasileira não poderiam ter atuado melhor".

**Chantagem** - O presidente nacional do PT, deputado José Dirceu, classificou a avaliação dos diretores da S&P de "mistura de chantagem e intromissão nos assuntos do Brasil". "Temos um programa alternativo para o País, que consideramos consistente, e quem vai julgar é o eleitor", afirmou. Segundo ele, o que justifica a atual posição do País é, principalmente, o seu alto déficit, "preso a juros das dívidas interna e externa". Para José Dirceu, os diretores da agência de risco fizeram uma declaração ideológica. "Estão dizendo que só pode ganhar as eleições quem estiver de acordo com a política econômica de Fernando Henrique Cardoso", acrescentou. "Se aceitarmos isso, é melhor terminar logo com o País." (Colaborou Roberta Sampaio)

**P**OSIÇÃO  
'HETERODOXA'  
INQUIETA  
ANALISTAS